

o tempo do desprezo

saga the witcher / volume IV

andrzej sapkowski

Tradução de Tomasz Barcinski

Adaptação de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Sangue nas suas mãos, Falka,
e sangue nas suas vestes.
Arda, arda pelos seus erros, Falka,
e padeça de horrível morte!*

Canção entoada pelas crianças durante a queima
das bonecas de Falka, na véspera de Saovine

CAPÍTULO PRIMEIRO

Bruxeiros — Denominação dada a bruxos entre os nortelungos (v.), casta de sacerdotes-guerreiros elitista e secreta, provavelmente uma facção de druidas (v.). Dotados, segundo a crença popular, de forças mágicas e capacidades sobre-humanas, os bruxeiros enfrentavam maus espíritos, monstros e toda a espécie de forças do mal. De facto, em virtude da sua perícia no manejo de armas, eram usados pelos governantes do Norte nas lutas intertribais. Uma vez em combate, os bruxeiros entravam num estado de êxtase provocado, acredita-se, por auto-hipnose ou por ervas alucinatórias, lutando com cega energia e totalmente insensíveis à dor ou até a graves ferimentos, o que reforçava a crença nos seus poderes sobrenaturais. A teoria segundo a qual os bruxeiros seriam fruto de mutações ou de engenharia genética nunca foi comprovada. Os bruxeiros figuram como heróis em diversas lendas dos nortelungos (v. F. Delannoy, Mitos e Lendas dos Povos do Norte).

Effenberg e Talbot,
Encyclopaedia Maxima Mundi, volume XV

Para poder ganhar a vida como mensageiro montado, dizia Aplegatt aos novatos, são necessárias duas coisas: uma cabeça de ouro e um traseiro de ferro.

A cabeça de ouro é indispensável, ensinava Aplegatt, porque na bolsa de couro achatada, cruzada sobre o peito despido sob a camisa, o estafeta leva apenas notícias de importância secundária, que, sem temor algum, podem ser confiadas ao traiçoeiro papel ou pergaminho. Já quando se trata de notícias verdadeiramente importantes, de informações secretas das quais dependem muitas questões, o estafeta deve guardá-las na memória e repeti-las ao destinatário, palavra por palavra — em geral, palavras complicadas, difíceis de pronunciar, ainda mais de recordar. Para as decorar e não cometer qualquer engano ao repeti-las, realmente precisa de uma cabeça de ouro.

E quanto à utilidade de um traseiro de ferro... bem, isso qualquer estafeta descobrirá por si mesmo em pouco tempo, ao ter de passar na sela três dias e três noites, cavalgando cem ou até duzentas milhas por estradas e às vezes, se necessário, por trilhos rurais... É verdade que não permanece sempre na sela; volta e meia desmonta e descansa. Afinal, um homem consegue aguentar muito; o cavalo, nem tanto. Depois do descanso, porém, quando o estafeta tenta montar de novo, o traseiro pode gritar: «Socorro, estão a matar-me!»

— Mas quem necessita de um estafeta hoje em dia, senhor Aplegatt? — perguntavam alguns jovens. — De Vengerberg a Wyzim, por exemplo, ninguém conseguirá chegar em menos de quatro ou cinco dias, mesmo montado no mais veloz dos ginetes. E de quanto tempo precisa o feiticeiro de Vengerberg para enviar uma mensagem mágica ao feiticeiro de Wyzim? Uma hora e meia, talvez nem isso. É possível que o cavalo do estafeta comece a coxear. Ele próprio pode ser morto por assaltantes ou *esquilos* ou ainda ser devorado por lobos ou grifos. Há um estafeta e... puf!... deixa de haver. Já uma mensagem encantada nunca se atrasará nem se perderá; chegará sempre ao seu destino. Para que servem os estafetas, se há feiticeiros por toda a parte, em todas as cortes reais? Os estafetas já não têm utilidade, senhor Aplegatt.

Durante algum tempo, Aplegatt também achou que já não era necessário. Estava com trinta e seis anos, era baixo, mas forte e de constituição bem desenvolvida, não temia trabalho algum e, como era de esperar, tinha uma cabeça de ouro. Poderia ter abraçado outra ocupação para se sustentar e à esposa, juntar algumas economias para o dote das duas filhas solteiras e ajudar a outra, que, embora casada, tinha um marido palerma que não conseguia sair-se bem nos negócios. No entanto, Aplegatt não queria — nem conseguia imaginar — outro trabalho. Era um mensageiro montado real.

E eis que, após um longo período de esquecimento e de humilhante ociosidade, Aplegatt deu por si novamente útil. Nas estradas e nos caminhos abertos nas florestas tornou a ecoar o som de ferraduras a bater no solo. Os estafetas voltaram a atravessar o país, como outrora, levando notícias de uma cidade a outra.

Aplegatt sabia o que motivara aquilo. Vira muito e ouvira ainda mais. Contava-se que apagasse da memória uma mensagem assim que a transmitisse, para que não pudesse revelá-la sob as mais severas torturas. Mas Aplegatt recordava-se. E sabia o que levava os reis, de repente, a deixarem de comunicar por intermédio de feiticeiros e magia. As informações levadas pelos estafetas não deviam ser do conhecimento dos feiticeiros. De uma hora para a outra, os reis deixaram de confiar neles e de lhes confidenciar os seus segredos.

A causa do repentino esfriar da amizade entre reis e feiticeiros era algo que Aplegatt desconhecia, nem tão-pouco lhe interessava. Para ele, tanto reis como feiticeiros eram seres incompreensíveis, e os seus atos indecifráveis, principalmente nos tempos difíceis. E, passando de cidade em cidade, de castelo em castelo, de reino em reino, era inevitável não reparar no facto de haverem chegado tempos difíceis.

Tropas marchavam pelas estradas. A cada passo era possível deparar-se com colunas de infantaria ou de cavalaria, e cada comandante encontrado aparentava estar nervoso, tenso, presunçoso, sentindo-se tão importante como se o destino de todo o mundo dependesse apenas dele. Da mesma forma, as cidades e os castelos encontravam-se repletos de gente armada, dia e noite, numa incessante e febril correria. Os normalmente invisíveis burgraves e castelões corriam agora sobre os muros e os pátios, furiosos como mosquitos antes de uma tempestade, vociferando, insultando, dando ordens e distribuindo pontapés. As fortalezas e praças-fortes recebiam, dia e noite, carroças carregadas, as quais se cruzavam com outras que, vazias, regressavam com rapidez. Por toda a parte, nuvens de poeira cercavam cavalcadas de potros recém-saídos dos estábulos. Pouco habituados a arreios e a pesados cavaleiros de armadura, os potros aproveitavam os últimos momentos de liberdade, dando muito trabalho aos seus condutores e criando problemas aos demais utilizadores das estradas.

Em poucas palavras: na abrasante e estagnada atmosfera sentia-se o opressivo clima de guerra.

Aplegatt ergueu-se nos estribos e olhou em volta. Mais abaixo, aos pés da colina, brilhava a superfície de um rio em tortuosos meandros por entre prados e aglomerados de árvores. Do outro lado do curso de água, mais a sul, estendiam-se florestas. O estafeta esporeou o cavalo. O tempourgia.

Viajava há quase dois dias. O despacho real e as cartas alcançaram-no em Hagge, onde descansava após o retorno de Tretogor. Saíra da fortaleza durante a noite, galopando ao longo da margem do Pontar, atravessara a fronteira com Temeria antes do raiar do Sol e agora, na primeira metade do dia seguinte, já se encontrava nas margens do rio Ismena. Se o rei Foltest tivesse estado em Wyzim, Aplegatt ter-lhe-ia entregado a mensagem naquela noite. Infelizmente, o rei não pernovernara na capital; estava no Sul, em Maribor, a quase duzentas milhas de distância de Wyzim. Ciente disso, Aplegatt abandonou a estrada que seguia para oeste junto à Ponte Branca e seguiu pelas florestas, na direção de Ellander. Não deixava de ser arriscado, já que nas florestas grassavam os *esquilos*, e aí daquele que caísse nas suas mãos ou se pusesse ao

alcance das suas flechas. No entanto, um estafeta real tinha de correr riscos. Era nisso que consistia o seu trabalho.

Aplegatt atravessou o rio sem dificuldades; não chovia desde junho e o nível de água do Ismena baixara consideravelmente. Mantendo-se junto à floresta, chegou à estrada que ia de Wyzim para sudeste, rumo às choupanas, ferrarias e povoamento dos anões no Maciço de Mahakam. Pela estrada seguiam carroças escoltadas, em geral, por pequenos destacamentos de cavalaria. Aplegatt suspirou de alívio. Onde havia gente, não havia scoia'tael. Em Temeria, a campanha militar de homens contra elfos durava há mais de um ano, e os comandos de *esquilos*, perseguidos nas florestas, tinham-se dividido em grupos menores, mantendo uma prudente distância face às movimentadas estradas e não montando emboscadas.

Antes do anoitecer, Aplegatt já se encontrava na fronteira ocidental do reino de Ellander, numa encruzilhada perto da aldeia de Zavada, de onde partia um caminho em linha reta e seguro até Maribor, quarenta e duas milhas de estrada de terra batida bastante frequentada. Na encruzilhada havia uma estalagem, e Aplegatt decidiu dar-se um descanso e ao cavalo. Sabia que, caso partisse bem cedo no dia seguinte, poderia ver antes do anoitecer as flâmulas negras e prateadas a tremular nas torres do castelo de Maribor.

Desencilhou pessoalmente a sua égua, não deixando o moço de estrebalaria ocupar-se da tarefa. Era um estafeta real, e um estafeta real nunca permite que alguém toque na sua montada. Comeu uma porção de ovos mexidos com salsichas e uma grande fatia de pão de centeio, acompanhando a refeição com um quartilho de cerveja.

Na estalagem paravam viajantes que traziam notícias de todas as partes do mundo. Foi assim que Aplegatt soube que haviam ocorrido novos incidentes em Dol Angra; mais uma vez um destacamento de cavalaria de Lyria entrara em choque com uma patrulha nilfgaardiana, e Meve, rainha de Lyria, voltara a acusar formalmente Nilfgaard de provocação e pedira ajuda ao rei Demawend de Aedirn. Tretogor tinha sido palco da execução pública de um barão redânio que costumava encontrar-se secretamente com emissários de Emhyr, imperador de Nilfgaard. Em Kaedwen, vários comandos dos scoia'tael juntaram-se numa força considerável e protagonizaram um massacre no forte de Leyd. Em resposta ao massacre, a população de Ard Carraigh promoveu um *pogrom* que resultara no assassinio de quase quatrocentos inumanos que viviam na capital.

Em Temeria, segundo comerciantes vindos do Sul, tristeza e luto espalharam-se entre os emigrantes cintrenses reunidos sob as bandeiras do marechal

Vissegerd. Fora confirmada a terrível notícia da morte da Leoazinha de Cintra, a princesa Cirilla, última descendente do sangue da rainha Calanthe, chamada Leoa de Cintra.

Foram relatados ainda vários outros boatos de mau agouro. Dizia-se que, nas redondezas de Aldesberg, as vacas tinham começado repentinamente a esguichar sangue das tetas e, por entre a neblina matinal, surgira a Virgem da Dispersão, num claro prenúncio de terríveis desgraças. Em Brugge, nas cercanias da floresta de Brokilon, o proibido reino das dríades florestais, houve quem presenciasse a Perseguição Selvagem, o cortejo de espectros a galopar pelos céus, e uma Perseguição Selvagem, como todos sabiam, prenunciava sempre uma guerra. Já na península de Bremervoord, fora avistado um navio-fantasma com um espírito maligno num elmo adornado com asas de ave de rapina no convés...

O estafeta deixou de prestar atenção. Sentia-se cansado e dirigiu-se ao dormitório comunitário, onde se deixou cair numa tarimba para adormecer de imediato.

Levantou-se ao raiar do Sol. Espantou-se ao sair para o pátio: não fora o primeiro a preparar-se para partir, algo que ocorria muito raramente. Perto do poço, encontrava-se um negro garanhão selado e, ao seu lado, debruçada sobre uma gamela, uma mulher em trajes masculinos lavava as mãos. Ao ouvir os passos de Aplegatt, ela virou-se, atirando para trás os fartos cabelos negros. O estafeta fez uma vénia e a mulher inclinou levemente a cabeça.

Ao entrar na cavaliariça, Aplegatt quase esbarrou noutra ave madrugadora, uma adolescente com gorro de veludo, que naquele exato momento conduzia para o exterior uma égua malhada. A rapariga esfregava o rosto e bocejava, apoiando-se no flanco da montada.

— Ai, ai — murmurou, ao passar pelo estafeta. — Acho que vou adormecer sobre este cavalo... Estou morta de sono... Uaaa, uaaa...

— O frio vai despertar-te assim que arreares a égua — disse Aplegattolidamente, tirando a sua sela pendurada numa viga. — Boa viagem, donzela.

A jovem virou-se e olhou para ele como se estivesse a vê-lo pela primeira vez. Os seus olhos eram enormes e verdes como esmeraldas. Aplegatt lançou o xairel sobre o lombo do cavalo.

— Desejo-te boa viagem — repetiu.

Em geral, não era dado a muita conversa, mas agora sentia a necessidade de a manter com alguém próximo, mesmo que o próximo fosse uma simples fedelha semiadormecida. Era possível que aquele desejo tivesse sido

motivado pelos longos dias de solidão nas estradas ou talvez a rapariga lhe recordasse a sua filha do meio.

— Que os deuses as protejam — acrescentou — de qualquer acidente ou dano. Estão sozinhas e, ainda por cima, são mulheres... Vivemos tempos complicados. As estradas e os trilhos estão cheios de perigos.

A jovem abriu ainda mais os olhos verdes. O estafeta sentiu um arrepio a percorrer-lhe a espinha.

— O perigo... — disse ela, de repente, com uma voz estranha. — O perigo é silencioso. Não conseguirá ouvi-lo quando ele vier a voar com penas cinzentas. Tive um sonho. Areia... A areia estava quente sob o Sol...

— Como assim? — Aplegatt parou petrificado, com a sela encostada à barriga. — O que disseste, donzela? Que areia?

A rapariga foi sacudida por um tremor e esfregou o rosto. A égua malhada agitou a cabeça.

— Ciri! — chamou asperamente a mulher de cabelos negros, ajeitando os arreios e estribos do escuro garanhão. — Apressa-te!

A jovem bocejou, olhou para Aplegatt e pestanejou, dando a impressão de estar espantada com a sua presença na cavalaria. O estafeta permaneceu calado.

— Ciri — repetiu a mulher. — Voltaste a adormecer?

— Já vou, Yennefer!

Quando Aplegatt por fim encilhou o cavalo e o levou para o pátio, não havia qualquer sinal da mulher nem da rapariga. Um galo cantou rouca e prolongadamente, um cão latiu e, no meio das árvores, um cuco trauteou. O estafeta saltou para cima da sela. Lembrou-se repentinamente dos olhos verdes da rapariga ensonada e das suas estranhas palavras. *Perigo silencioso? Penas cinzentas? Areia quente? A miúda não devia estar no seu pleno juízo, pensou. É fácil encontrar muitas jovens perturbadas, maltratadas por vadios nos tempos de guerra... Só pode ser isso, ou talvez estivesse apenas zonzada de sono e não totalmente acordada. É de espantar as parvoíces que as pessoas são capazes de dizer de madrugada, quando estão ainda naquela área cinzenta entre sonho e realidade...*

Aplegatt sentiu outro arrepio, desta feita acompanhado por uma dor nas costas. Esfregou as omoplatas com os punhos.

Assim que chegou à estrada, esporeou o cavalo e partiu a pleno galope. O tempo urgia.

...

O estafeta não se demorou muito em Maribor; em menos de um dia, o vento voltou a soprar-lhe aos ouvidos. O novo cavalo, um garanhão lobuno das cavaliças de Maribor, corria, estendendo o pescoço e agitando a cauda. Os salgueiros à beira da estrada foram ficando para trás. O peito de Aplegatt sentia o peso da bolsa com o correio diplomático. O traseiro ardia-lhe.

— Tomara que caias e partas o pescoço, seu louco! — gritou atrás dele um carroceiro, puxando as rédeas dos seus cavalos, assustados com a passagem do garanhão a todo o galope. — Vejam só como tem pressa! Até parece que a morte lhe lambe os calcanhares! Podes correr à vontade, seu desatinado, mas não conseguirás escapar à caveira com a foice!

Aplegatt esfregou os olhos lacrimejantes de tanto vento. No dia anterior entregara a correspondência ao rei Foltest e, depois, recitara a mensagem secreta do rei Demawend:

«Demawend para Foltest. Tudo pronto em Dol Angra. Os disfarçados aguardam ordens. Data prevista: a segunda noite de julho após a lua nova. Os barcos devem atracar naquela margem dois dias mais tarde.»

Sobre a estrada voavam bandos de gralhas a grasnar intensamente. Seguiam para leste, na direção de Mahakam, Dol Angra e Vengerberg. Aplegatt repetia mentalmente as palavras da mensagem secreta enviada, por seu intermédio, do rei de Temeria ao monarca de Aedirn: «Foltest para Demawend. Primeiro: suspendamos a ação. Os espartalhões convocaram um congresso. Vão reunir e discutir na ilha de Thanedd. Esse encontro poderá alterar muita coisa. Segundo: podem suspender a busca da Leoazinha. Está confirmada a morte dela.»

Aplegatt espicaçou o garanhão com os calcanhares. O tempo urgia.

O estreito caminho pela floresta estava atravancado por carroças. Aplegatt diminuiu o ritmo e trotou até ao último dos veículos da comprida fila. Percebeu de imediato que não conseguiria atravessar aquele congestionamento. Dar meia-volta, nem pensar. Seria uma perda de tempo irrecuperável. Além disso, não lhe agradava a ideia de mergulhar numa floresta pantanosa, principalmente por estar a começar a escurecer.

— O que aconteceu? — indagou aos condutores da última carroça da fila, dois idosos, um deles a dormir e o outro com ar de estar morto. — Um assalto? *Esquilos*? Digam lá, porque estou com pressa...

Antes que algum dos velhos tivesse tempo para responder, ouviram-se gritos vindos da ponta do congestionamento. Rapidamente, dezenas de

cocheiros saltaram para as suas carroças e açoitaram os cavalos, as mulas e os bois ao som dos mais rebuscados palavrões. A pesada coluna começou a avançar devagar. O velho adormecido acordou, sacudiu a barba, estalou a língua para as mulas e sacudiu as rédeas nos seus quadris. O velho com ar de morto ressuscitou, afastou dos olhos o chapéu de palha e virou-se para Aplegatt.

— Olhem só para ele — disse. — Está com pressa. Oh, filho, tiveste muita sorte. Chegaste na hora exata.

— Sem dúvida. — O segundo velho sacudiu a barba e apressou as mulas. — Mesmo na hora. Caso tivesses chegado ao meio-dia, terias ficado parado aqui connosco até agora. Todos nós temos pressa, mas tivemos de esperar. Como seguir em frente se o carreiro estava bloqueado?

— O carreiro estava bloqueado? Como?

— Apareceu um monstro terrível, filho. Atacou um cavaleiro que viajava com um pajem pelo carreiro. Parece que arrancou a cabeça ao cavaleiro, com o elmo e tudo, além de extirpar os intestinos ao cavalo. O pajem conseguiu escapar e contou que aquilo foi horrível, com o caminho todo vermelho de tanto sangue.

— E que monstro era? — indagou Aplegatt, freando o cavalo para poder prosseguir a conversa com os cocheiros da vagarosa carroça. — Um dragão?

— Não, não era um dragão — respondeu o velho de chapéu de palha —, e sim uma manticora ou algo parecido, segundo dizem. O pajem disse que era uma enorme besta voadora. E obstinada! Nós achámos que ia comer o cavaleiro e voar daqui para fora, mas não foi nada disso! A filha de uma rameira sentou-se no meio do caminho e pôs-se a rosnar e a arreganhar os dentes... E assim bloqueou a passagem, como uma rolha numa garrafa, porque qualquer um que se aproximava e dava de caras com o monstro abandonava a carroça e fugia a correr. Com isso, formou-se uma fila de carroças de quase uma milha de comprimento, havendo em volta, como podes ver, meu filho, apenas mato selvagem e pântanos. E então ficámos parados...

— Tantos homens! — bufou o estafeta. — E ninguém tomou uma atitude! Bastava pegar nuns machados e lanças e espantar ou mesmo matar a besta.

— Pois, alguns até tentaram — retrucou o velho de barba, batendo novamente nas mulas, porque a caravana começou a avançar mais depressa. — Três anões da escolta dos comerciantes e, com eles, quatro recrutas a caminho da fortaleza de Carreras, onde se juntariam a um regimento. A besta feriu severamente os anões, enquanto os recrutas...

— ... se puseram ao fresco — concluiu o outro velho, dando uma

cuspidela certa no exíguo espaço entre os quadris das duas mulas. — Puseram-se ao fresco assim que viram o tal monstro. Dizem que um deles chegou a cagar-se nas calças. Olha, filho, é aquele! Ali!

— E eu lá tenho tempo para olhar para alguém que se cagou? — enervou-se Aplegatt. — Não estou minimamente interessado...

— Não é isso! É o monstro! O monstro morto! Os soldados estão a pô-lo numa carroça. Estás a ver?

Aplegatt ergueu-se nos estribos. Apesar da escuridão que se aproximava e da multidão de curiosos diante dele, conseguiu ver um corpanzil cinza-amarelado a ser erguido pelos soldados. As asas de morcego e a cauda de escorpião do monstro arrastavam-se inertes sobre o terreno. Soltando um grito uníssonos, os soldados ergueram ainda mais o cadáver e deixaram-no cair sobre uma carroça, cujos cavalos, claramente agitados pelo odor a sangue, relincharam e começaram a andar.

— Não fiquem parados! — urrou para os velhos o decurião ao comando dos soldados. — Em frente! Não bloqueiem a passagem!

O condutor barbudo apressou as mulas e a carroça saltitou sobre as pedras do carreiro. Aplegatt espicaçou o cavalo com os calcanhares e pôs-se ao lado do veículo.

— Pelos vistos, os soldados conseguiram dar cabo do monstro.

— Nada disso — retrucou o velho. — Assim que chegaram, os soldados puseram-se a fazer caras de maus e a gritar com as pessoas. Ora diziam «Parem», ora diziam «Saíam da frente», ora isto, ora aquilo. Não pareciam muito dispostos a enfrentar o monstro e decidiram convocar um bruxo.

— Um bruxo?

— Isso mesmo — confirmou o outro velho. — Um dos soldados lembrou-se de que tinha visto um bruxo na última aldeia pela qual passaram, pelo que foi chamá-lo. Ele passou por nós. Tinha os cabelos brancos, um rosto horroroso e uma enorme espada presa às costas. Em menos de uma hora, alguém gritou lá à frente que podíamos avançar porque o bruxo matara o monstro. Foi quando, finalmente, pudemos retomar a viagem e tu apareceste, meu filho.

— Que coisa... — murmurou Aplegatt, pensativo. — Há anos que galopo pelas estradas fora e até hoje nunca encontrei um bruxo. Alguém viu como ele deu cabo do tal monstro?

— Eu vi! — gritou um miúdo de cabeleira rebelde a trotar do outro lado da carroça. Cavalgava em pelo, levando o seu lobuno malhado apenas pelo cabresto. — Vi tudo! Porque estive junto aos soldados, à frente de todos!

— Olhem só para esse fedelho — disse o velho que guiava as mulas. — Mal se livrou do leite materno e já se arma em sabichão. Queres levar uma coça?

— Deixe-o falar, homem — intrometeu-se Aplegatt. — Antes de partir para Carreras, gostaria de saber o que se passou com aquele bruxo. Fala, miúdo.

— Foi assim — começou rapidamente o rapaz, cavalgando junto à carroça. — O bruxo procurou o comandante dos soldados. Disse que se chamava Geralt. O comandante respondeu que não estava interessado no nome dele e disse-lhe que tratasse do assunto, apontando para o lugar onde o monstro estava sentado. O bruxo aproximou-se e observou. O bicho estava a meia légua de distância, ou até mais, mas o bruxo lançou-lhe um olhar de longe e disse logo que se tratava de uma manticora extremamente grande e que poderia matá-la se lhe pagassem duzentas coroas.

— Duzentas coroas? — espantou-se o outro velho. — Ele enlouqueceu de vez?

— Foi o que lhe disse o comandante, embora de maneira mais grosseira. O bruxo respondeu que o preço era aquele e que não queria saber se o monstro ficava lá sentado até ao dia do Juízo Final. O comandante retrucou que não ia pagar tal soma e que preferia esperar que o monstro se fosse embora por conta própria. Então, o bruxo disse que o monstro não se ia embora por si, porque estava furioso e com fome. E, mesmo que se fosse embora, voltaria logo a seguir, porque aquele era o seu tero... tere... teritor...

— Seu fedelho, para de engonhar! — enfureceu-se o velho que conduzia as mulas, tentando, sem resultado visível, assoar o nariz ao mesmo tempo que segurava as rédeas. — Conta rapidamente o que aconteceu!

— Mas eu estou a contar! O bruxo disse assim: «O monstro não partirá daqui tão cedo e passará a noite a comer o cavaleiro morto, devagar e com calma, porque o corpo está numa armadura e não vai ser fácil arrancá-lo de lá de dentro.» Então, apareceram os comerciantes, que se puseram a regatear com o bruxo, dizendo que iam juntar-se e fazer uma coleta, oferecendo-lhe cem coroas. O bruxo disse-lhes que a besta era uma manticora muito perigosa, de modo que podiam enfiar as cem coroas no cu, porque não ia arriscar o pescoço por tão pouco. O comandante ficou furioso e disse que a função dos bruxos era exatamente arriscar o pescoço, assim como a do cu era cagar. Pelos vistos, os comerciantes ficaram com medo que o bruxo se ofendesse e se fosse embora, porque acertaram de imediato com ele o preço de cento e cinquenta coroas. Então, o bruxo pegou na sua espada e seguiu pelo carreiro, na direção

do lugar onde o monstro estava sentado. O comandante fez um gesto contra o mau-olhado, cuspiu e disse que não conseguia entender porque existiam tais mutantes diabólicos na face da Terra. E um dos comerciantes disse que, se os soldados espantassem os monstros das estradas em vez de andarem a correr pelas florestas atrás de elfos, não haveria necessidade de bruxos e...

— Deixa de dizer palermices — interrompeu-o um dos velhos — e conta-nos apenas o que viste.

— Eu fiquei a tomar conta do cavalo do bruxo — afirmou o miúdo, orgulhoso. — Uma égua castanha com uma mancha branca na testa.

— Quero lá saber da égua! Quero saber se viste como é que o bruxo matou o monstro!

— Be... bem... — gaguejou o rapaz. — Isso eu não vi... Fui empurrado para trás. Começaram todos a gritar, os cavalos assustaram-se e...

— Não disse? — comentou o velho, com desdém. — Este fedelho não viu porcaria nenhuma.

— Mas eu vi o bruxo quando ele voltou! — exclamou o rapaz. — E o comandante, que a tudo assistiu, estava com o rosto lívido e comentou com os soldados que aquilo devia ter sido um feitiço mágico ou encanto élfico, porque nenhum ser humano seria capaz de manejar uma espada com tamanha rapidez e destreza... O bruxo pegou no dinheiro dos comerciantes, montou na sua égua e foi-se embora.

— Hmmmm... — murmurou Aplegatt. — Por onde é que ele seguiu? Pela estrada que leva a Carreras? Se foi, então talvez eu consiga alcançá-lo e ver como ele é...

— Não — respondeu o rapaz. — Partiu na direção de Dorian. Disse que estava com pressa.

O bruxo poucas vezes sonhava, e, ao despertar, jamais se lembrava dos raros sonhos que tinha, mesmo quando eram pesadelos — e costumavam ser pesadelos.

Desta vez também fora um pesadelo, mas o bruxo conseguiu lembrar-se, pelo menos, de um fragmento dele. Por entre um turbilhão de difusas e inquietantes figuras, de estranhas e agoirentas cenas, de incompreensíveis e assustadoras palavras e sons, surgiu de repente uma imagem limpa e clara. Ciri. Diferente daquela que ele recordava de Kaer Morhen. Os seus cabelos cinzentos, agitados pelo galopar, estavam mais compridos, tal como ela os usava quando a vira pela primeira vez, em Brokilon. Quando ela passou ao

seu lado, ele quis gritar, mas não conseguiu emitir um som sequer. Tentou correr atrás dela, porém, teve a sensação de estar a afundar-se até à cintura em alcatrão derretido em fase de solidificação. E Ciri, parecendo não o ter visto, continuara a galopar por entre disformes amieiros e chorões que agitavam os seus ramos como se tivessem vida. Foi quando ele reparou que ela estava a ser perseguida, que logo atrás dela galopava um cavalo preto montado por um cavaleiro enfiado numa armadura negra, com o elmo adornado com asas de ave de rapina.

Não podia mover-se nem gritar — apenas ficar a ver o cavaleiro alado a alcançar Ciri, agarrá-la pelos cabelos, arrancá-la da sela e continuar a galopar, arrastando-a consigo. Viu o rosto de Ciri a contorcer-se de dor e dos seus lábios emanar um grito inaudível.

Acorda, ordenou a si mesmo, já não podendo suportar o pesadelo. *Acorda! Acorda imediatamente!*

Acordou.

Ficou deitado, imóvel, por bastante tempo, repassando o sonho na sua memória. A seguir, levantou-se. Tirou de debaixo do travesseiro o saquinho de couro com moedas e contou-as: cento e cinquenta pela manticora do dia anterior, cinquenta pelo núbilo que matara a pedido do presidente da Câmara de uma aldeia próxima de Carreras e cinquenta pelo lobisomem que os camponeses de Burdorff lhe mostraram.

A quantia recebida pelo lobisomem fora até excessiva, porque o trabalho revelara-se muito fácil. O lobisomem nem tentara defender-se. Perseguido até uma caverna sem saída, simplesmente ajoelhara-se e aguardara pelo golpe da espada. O bruxo chegou a sentir pena dele. No entanto, precisava de dinheiro.

Em menos de uma hora já caminhava pelas ruas de Dorian, à procura de uma viela e de um letreiro conhecidos.

O letreiro anunciava: «Codringher e Fenn, assessoria e serviços jurídicos». Apesar dos dizeres, Geralt sabia até bem de mais que o que faziam Codringher e Fenn pouco tinha que ver com leis; os dois sócios possuíam motivos de sobra para evitar qualquer contacto com a lei e seus representantes. Também nutria profundas dúvidas de que os clientes da empresa conhecessem o significado da palavra «assessoria».

No andar térreo do pequeno imóvel não havia qualquer entrada, apenas um portão solidamente trancado, que decerto levava a uma cavaliçã ou

estrebaria. Para chegar à porta de entrada, era preciso ir até às traseiras do edifício, atravessar um pátio lamacento cheio de patos e galinhas, subir um lanço de escadas e passar por uma estreita galeria e por um escuro corredor. Só então se parava diante de uma sólida porta de mogno guarnecida com ferro e provida de uma enorme aldraba de bronze com o formato de uma cabeça de leão.

Geralt bateu com a aldraba, recuando imediatamente. Sabia que um mecanismo adaptado à porta podia disparar dardos metálicos de vinte polegadas de comprimento através de aberturas na guarnição de ferro. Teoricamente, os dardos só poderiam ser disparados se alguém forçasse a fechadura ou se Codrigher ou Fenn acionassem um dispositivo especial, mas Geralt comprovava, mais de uma vez, que não havia mecanismos infalíveis e que qualquer um deles podia funcionar mesmo quando não era suposto. E vice-versa.

A porta provavelmente tinha um dispositivo mágico de identificação dos visitantes. Ninguém indagava do outro lado. Abria-se e aparecia Codrigher. Sempre Codrigher, nunca Fenn.

— Salve, Geralt — cumprimentou Codrigher. — Entre. Não precisa de se esgueirar para tão perto da parede, porque desmontei o dispositivo de segurança. Há uns dias disparou sem mais nem menos e encheu de furos um desses vendedores de porta em porta. Pode entrar sem medo. Tem algum assunto para tratar comigo?

— Não — respondeu o bruxo, entrando numa larga e escura antessala que recendia a odor de gato. — Não consigo, e sim com o Fenn.

Codrigher riu-se com gosto, confirmando assim a suspeita de que Fenn era uma personagem cem por cento fictícia, para confundir meirinhos, beleguins, cobradores de impostos e outros indivíduos que Codrigher execrava.

Entraram num escritório, onde estava mais claro, uma vez que o aposento ficava no último andar e as janelas, protegidas por grades de ferro, permitiam a entrada da luz do Sol durante grande parte do dia. Geralt ocupou a cadeira destinada aos clientes. À sua frente, por detrás de uma escrivaninha de carvalho, Codrigher esparramou-se numa poltrona forrada. Para aquele homem, que exigia ser tratado por «advogado», não havia impossíveis. Se alguém estava em apuros ou tinha dificuldades ou problemas, dirigia-se a Codrigher. Num piscar de olhos recebia provas de desonestidade ou de desvio de fundos do seu sócio nos negócios. Obtinha crédito bancário sem avalistas ou garantias. Era o único dos inúmeros credores de uma empresa falida que conseguia ser ressarcido. Herdava uma fortuna apesar de o tio rico ter afirmado repetidamente que não lhe deixaria um tostão. Ganhava processos

de herança diante de uma repentina e inesperada desistência de herdeiros muito mais próximos. Conseguia que o filho saísse da cadeia com as denúncias anuladas com base em provas irrefutáveis ou por falta de provas, pois, se tivessem existido, desapareciam de modo misterioso, enquanto as testemunhas se atropelavam a desdizer tudo o que tinham dito antes. O caçador de dotes que cortejava a filha repentinamente transferia a atenção para outra jovem. O amante da esposa ou o sedutor da filha sofria um infeliz acidente e acabava com complicadas fraturas em três membros, dos quais pelo menos um era superior. Já um perigoso inimigo ou outra personagem igualmente ameaçadora deixava de apresentar qualquer risco, pois, na maior parte dos casos, desaparecia sem deixar rasto. Sim, quando alguém tinha um problema, viajava até Dorian, corria para a firma Codringher e Fenn e batia à porta de mogno. Esta abria-se e surgia o «advogado» Codringher, um senhor baixo, magro e grisalho com pele de aspeto doentio, típica de quem não costumava expor-se ao ar livre. Codringher conduzia o visitante ao seu escritório, sentava-se na poltrona, pousava sobre os joelhos um gato malhado e começava a acariciá-lo. Tanto Codringher como o gato observavam o cliente com os seus olhos amarelos-esverdeados de maneira desagradável e ansiosa.

— Recebi a sua carta. — Codringher e o gato avaliaram o bruxo com aquele olhar amarelo-esverdeado. — Também recebi a visita de Jaskier, que passou por Dorian há algumas semanas. Ele falou-me de alguns dos seus problemas, mas contou-me pouco. Muito pouco.

— A sério? Que surpresa. Seria o primeiro caso que chega ao meu conhecimento de o Jaskier não ter falado de mais.

— O Jaskier — respondeu Codringher sem sorrir — falou pouco porque pouco sabia. E contou ainda menos do que sabia simplesmente por ter recebido instruções suas para não abordar certos assuntos. Quando é que se tornou tão desconfiado? E sobretudo em relação a um colega de profissão?

Geralt estremeceu ligeiramente. Codringher tentou fingir não ter reparado, mas não pôde, porque o gato percebeu. O animal arregalou os olhos, mostrou os dentes brancos e fungou quase em silêncio.

— Não provoque o meu gato — avisou o advogado, acalmando o felino com breves carícias. — Ficou magoado por lhe ter chamado colega? Mas é a mais pura das verdades. Eu também sou bruxo. Também livro as pessoas de monstros e de problemas. E, tal como você, cobro pelos meus serviços.

— Há certas diferenças — murmurou Geralt, ainda sob o hostil olhar do gato.

— É verdade — concordou Codringher. — Você é um bruxo anacrónico;

eu sou um bruxo moderno, que se adaptou aos espíritos da época. E é por isso que em breve irá ficar desempregado, enquanto eu continuarei a prosperar. Daqui a pouco deixará de haver no mundo estriges, serpes, endríagos e lobisomens. No entanto, filhos de rameiras não de sempre existir.

— E são precisamente os filhos de rameiras que você livra de problemas, Codringher. Pessoas pobres e decentes não têm condições financeiras para desfrutar dos seus serviços.

— Assim como os pobretanas não têm condições para desfrutar dos seus. Os pobretões não têm condições para nada, e é exatamente por isso que são pobretanas.

— Uma lógica inegável, cuja revelação chega a deixar-me sem fôlego.

— A verdade tem essa característica de deixar as pessoas sem fôlego. E a verdade pura e simples consiste no facto de as nossas profissões terem como base e suporte a existência de filhos de rameiras. A diferença é que a sua já é quase uma relíquia, enquanto a minha é real e cada vez mais forte.

— Muito bem, que seja. Vamos ao que interessa.

— Está mais do que na hora. — Codringher acenou com a cabeça afirmativamente, acariciando o gato, que se eriçou e rosnou, cravando-lhe as unhas no joelho. — E vamos ocupar-nos dos assuntos por ordem de importância. Em primeiro lugar, caro colega, os meus honorários ascendem a duzentos e cinquenta coroas novigradenses. Dispõe de tal quantia? Ou será que se inclui no rol de pobretanas com problemas?

— Antes, vamos convencer-nos de que faz jus a tal montante.

— Essa arrogância — disse friamente o advogado — deve ser limitada apenas à sua pessoa, e depressa. Quando estiver convencido, ponha o dinheiro na escrivania. Então, passaremos a outros assuntos, de menor importância.

Geralt desamarrou do cinto o saquinho de couro e atirou-o com estrondo para cima da escrivania. O gato saltou dos joelhos de Codringher e desapareceu. O advogado pegou no saquinho e colocou-o na gaveta, sem verificar o conteúdo.

— Assustou o meu gato — disse, numa indisfarçável reprimenda.

— Peço desculpa. Achei que o som de dinheiro seria a última coisa que pudesse assustar o seu gato. E agora, conte-me lá o que descobriu.

— O tal Rience — começou Codringher —, que tanto lhe interessa, é uma figura bastante misteriosa. Consegui apurar apenas que estudou dois anos na escola de feiticeiros de Ban Ard. Foi expulso de lá ao ser apanhado em flagrante a cometer pequenos furtos. Como de costume, perto da escola havia recrutadores dos serviços secretos de Kaedwen, e o Rience alistou-se.

Não consegui apurar o que andou a fazer para os espões de Kaedwen, mas os expulsos das escolas de feiticeiros em geral são treinados para serem assassinos. Confere?

— Perfeitamente. Continue.

— A informação seguinte provém de Cintra. O senhor Rience passou uma temporada nas suas masmorras, por ordem da rainha Calanthe.

— Sob qual acusação?

— Imagine lá, por dívidas. Não ficou muito tempo preso, porque alguém o libertou pagando as dívidas com juros e tudo. A transação foi realizada através de um banco, sob a condição de anonimato do benfeitor. Tentei descobrir de onde veio o dinheiro, mas desisti depois de investigar quatro bancos consecutivamente. Quem libertou Rience era um profissional que quis permanecer anónimo a todo o custo.

Codringher calou-se e tossiu intensamente, levando um lenço à boca.

— E eis que repentinamente, logo após o fim da guerra, o senhor Rience apareceu em Sodden, Angren e Brugge — prosseguiu a narrativa, limpando os lábios e olhando para o lenço. — Irreconhecível, pelo menos no que se referia ao seu comportamento e à quantidade de dinheiro de que dispunha e esbanjava, porque, quanto ao nome, o descarado filho de uma cadela não fez qualquer esforço para o ocultar, continuando a chamar-se Rience. E foi com esse nome, Rience, que iniciou intensivas buscas por uma pessoa, mais precisamente uma pessoazinha. Visitou os druidas do Círculo de Angren, aqueles que se ocuparam dos órfãos da guerra. Tempos depois foi encontrado o corpo de um desses druidas numa floresta, completamente massacrado e com evidentes sinais de tortura. Depois, o Rience apareceu em Trásrios...

— Estou a par — interrompeu-o Geralt. — Sei o que ele fez com uma família de camponeses de Trásrios. Por duzentas e cinquenta coroas, eu esperava muito mais. Até agora, as únicas novidades para mim foram a informação de que ele esteve na escola de feiticeiros e o facto de ter trabalhado nos serviços secretos de Kaedwen. O resto eu sabia. Sei que o Rience é um assassino implacável. Sei que é um patife arrogante que nem sequer adota nomes falsos para se ocultar. Sei que está ao serviço de alguém. De quem, Codringher?

— Ao serviço de algum feiticeiro. Foi um feiticeiro que o livrou das masmorras de Cintra. Você mesmo disse, e o Jaskier confirmou, que o Rience costuma recorrer a magia. A magia a sério, e não a alguns truques aprendidos por um universitário expulso da academia. Portanto, alguém o apoia, fornece-lhe amuletos e é quase certo que lhe ministra aulas secretas. Alguns

feiticeiros legalmente estabelecidos têm esse tipo de alunos secretos para realizar trabalhos sujos ou ilegais. No linguajar dos feiticeiros, chama-se a isso «agir em conluio».

— Caso estivesse a agir em conluio com um feiticeiro, Rience teria utilizado o poder da camuflagem mágica. E ele não muda nem o nome, nem a aparência. Tão-pouco disfarçou a descoloração da pele depois de ser queimado pela Yennefer.

— O que comprova que agia em conluio — retrucou Codrigher, tossindo e limpando os lábios com o lenço. — Porque uma camuflagem mágica não é uma camuflagem; apenas os diletantes recorrem a algo assim. Caso Rience se escondesse por detrás de uma cortina mágica ou de uma máscara ilusória, acionaria de imediato todos os alarmes mágicos que hoje estão instalados em quase todos os portões de qualquer cidade. Além disso, os feiticeiros, infalivelmente, apercebem-se de qualquer tipo de máscara ilusória. No meio da maior concentração de pessoas, da mais densa multidão, Rience chamaria a atenção de qualquer feiticeiro, como se lhe saíssem labaredas das orelhas ou colunas de fumo do cu. Repito: o Rience age ao serviço de um feiticeiro, e age da melhor maneira possível para evitar chamar a atenção de outros feiticeiros.

— Há quem acredite que ele seja um espião nilfgaardiano.

— Sim, Dijkstra, chefe dos serviços secretos da Redânia, é um deles. Raramente se engana, portanto, pode concluir-se que mais uma vez estará certo. Mas uma coisa não exclui a outra. O faz-tudo do feiticeiro poderia ser ao mesmo tempo um espião nilfgaardiano.

— O que significaria que um feiticeiro reconhecido oficialmente como tal estaria a espionar para Nilfgaard por meio de um faz-tudo secreto.

— Que disparate. — Codrigher tossiu e examinou o lenço com atenção. — Um feiticeiro a espionar para Nilfgaard? Com que propósito? Por dinheiro? Ridículo. Contando com a possibilidade de vir a exercer grande poder após a vitória do imperador Emhyr? Ainda mais ridículo. Não é segredo para ninguém que Emhyr var Emreis mantém os seus feiticeiros sob rédea curta. Em Nilfgaard, os feiticeiros têm o mesmo estatuto de, digamos, cavaliços. E não desfrutam de mais poder do que cavaliços. Acredita que qualquer um dos nossos desenfreados magos se disporia a lutar pela vitória de um imperador em cuja corte teria o estatuto de um cavaliço? Filippa Eilhart, que dita as leis e os éditos ao rei Vizimir da Redânia? Sabrina Glevissig, que interrompe os discursos de Henselt de Kaedwen batendo com o punho na mesa e ordenando ao rei que cale a boca e escute? Vilgeforz de Roggveen,

que recentemente respondeu a Demawend de Aedirn que estava demasiado ocupado para o receber?

— Abrevie o discurso, Codringher. O que se passa com Rience?

— O costume. Os serviços secretos de Nilfgaard tentam chegar ao feiticeiro, atraindo o seu faz-tudo para trabalhar para eles. Pelo que sei, Rience não desprezaria os florins nilfgaardianos e trairia o seu mestre sem um segundo de hesitação.

— Agora é você que diz disparates. Por mais desenfreados que sejam os nossos magos, descobririam de imediato que estavam a ser traídos, e o Rience, desmascarado, acabaria pendurado numa forca. Se tivesse sorte.

— Você não passa de uma criança, Geralt. Não se enforcam espíões desmascarados, faz-se sim uso deles para passar informações falsas ou tenta-se desviá-los para que se transformem em agentes duplos...

— Deixe-se de tretas, Codringher. Não estou interessado nos bastidores dos serviços secretos ou da política. O Rience anda nos meus calcanhares, e quero saber porquê e a mando de quem. Tudo indica que a mando de um feiticeiro. Quem é esse feiticeiro?

— Ainda não sei, mas saberei em breve.

— «Em breve» — resmungou o bruxo — é tarde de mais para mim.

— É bem possível que seja — disse Codringher, sério. — Meteu-se numa bela enrascada, Geralt. Ainda bem que me procurou, pois sei desenrascar as pessoas. Na verdade, já o desenrasquei.

— Ai sim? A sério?

— A sério — respondeu o advogado, levando o lenço à boca e tossindo. — Pois fique a saber, caro colega, que, além do feiticeiro e, provavelmente, de Nilfgaard, há uma terceira parte envolvida nesse jogo. Imagine que fui visitado por agentes secretos do rei Foltest. Tinham um problema. O rei ordenara-lhes que procurassem certa princesa desaparecida. Quando ficou patente que a missão não era tão simples quanto isso, os agentes decidiram procurar um especialista em missões complicadas. Ao apresentarem-lhe o caso, sugeriram que certo bruxo poderia ter muito a contar sobre a princesa desaparecida, que até saberia onde ela se encontra.

— E o que fez o especialista?

— Primeiro, demonstrou espanto. Espantou-se com o facto de o tal bruxo não ter sido enfiado numa masmorra, onde, com métodos tradicionais, poderiam averiguar não só tudo o que ele sabia, como também o que não sabia, mas que inventara para agradar aos seus inquisidores. Os agentes responderam que o seu chefe os proibira de o fazer, porque os bruxos possuem

um sistema nervoso tão delicado que morrem de imediato quando são torturados; segundo a sua expressão particularmente pictórica, «estoura-lhes uma veia no cérebro». Face a isso, receberam ordens para apenas seguir o bruxo, mas também essa tarefa não se revelou fácil. O especialista elogiou os agentes pelo seu bom senso e disse-lhes que regressassem duas semanas depois.

— E eles regressaram?

— É claro que sim. Então, o especialista apresentou aos agentes provas inequívocas de que o bruxo Geralt não teve, não tem, nem poderia ter, qualquer relacionamento com a princesa desaparecida. O especialista encontrara testemunhas oculares da morte da princesa Cirilla, neta da rainha Calanthe e filha da princesa Pavetta. Cirilla morrera três anos antes, no campo de refugiados de Angren. De difteria. Antes de morrer, a criança sofrera terrivelmente. Não vai acreditar, mas os agentes temerianos ficaram com lágrimas nos olhos quando ouviram o relato das testemunhas.

— Eu também estou com os olhos marejados. Os agentes temerianos, pelo que deduzo, não puderam ou não quiseram oferecer-lhe mais de duzentas e cinquenta coroas?

— O seu sarcasmo fere-me o coração, bruxo. Tirei-o de uma encrenca e, em vez de me agradecer, ainda fere o meu coração.

— Agradeço e peço desculpas. Porque é que o rei Foltest ordenou aos agentes que procurassem a Ciri, Codringher? O que ordenou que lhe fizessem, caso a encontrassem?

— Como é pouco sagaz! Matá-la, obviamente. Foi considerada pretendente ao trono de Cintra, só que há outros planos para aquele trono.

— Isso não faz sentido, Codringher. O trono de Cintra foi consumido pelo fogo a par do palácio real, da cidade e de todo o país, que agora é uma província de Nilfgaard. Como é que a Ciri pode ser pretendente de um trono que não existe?

— Venha comigo — disse Codringher, erguendo-se. — Vamos tentar encontrar a resposta a essa pergunta. Ao mesmo tempo, vou dar-lhe uma prova de confiança... Posso saber o que tanto lhe interessa naquele quadro?

— O facto de estar perfurado como se um pica-pau o tivesse bicado ao longo de várias estações — respondeu Geralt, olhando para um retrato com moldura dourada pendurado na parede diante da escrivaninha do advogado — e o de representar um perfeito idiota.

— É o meu falecido pai. — Codringher fez uma careta. — Um perfeito idiota. Pendurei ali o retrato dele para poder olhar sempre para ele. A título de advertência. Venha, bruxo.

Os dois entraram na antessala. Assim que viu o bruxo, o gato, que estava deitado no centro do tapete a lamber, despreocupado, a sua estranhamente contorcida pata traseira, desapareceu na penumbra do corredor.

— Porque é que os gatos não gostam de si, Geralt? Isso tem algo que ver com...

— Sim — interrompeu-o Geralt. — Tem.

O revestimento de mogno das paredes deslizou silenciosamente, revelando uma passagem secreta. Codringher atravessou-a primeiro. O painel, sem dúvida movido por magia, fechou-se atrás deles, mas não os deixou imersos em escuridão, pois do fundo do corredor secreto emanava luz.

O ar no aposento no final do corredor era frio, seco e apresentava um sufocante odor a pó e velas.

— Vai conhecer o meu colaborador, Geralt.

— Fenn? — O bruxo sorriu. — Não pode ser.

— Pode. Admita, suspeitava que o Fenn não existia.

— De modo algum.

De entre armários e estantes repletas de livros que chegavam até ao teto ouviu-se um rangido, seguido da aparição de um estranho veículo. Era uma poltrona de espaldar alto equipada com rodas. Sentado nela estava um anão com uma cabeçorra apoiada, sem pescoço, sobre ombros extraordinariamente estreitos. O anão não tinha pernas.

— Permitam-me que vos apresente — disse Codringher. — Jakub Fenn, erudito legista, meu sócio e colaborador de inestimável valor. E aqui, o nosso visitante e cliente...

— ... bruxo Geralt de Rívia — concluiu o aleijado, com um sorriso. — Não precisei de muito esforço para adivinhar. Há meses que estou a trabalhar no problema. Sigam-me, por favor.

Entraram, por detrás da rangente poltrona, no labirinto formado por estantes vergadas sob o peso de volumes cuja quantidade não ficaria nada a dever à biblioteca universitária de Oxenfurt. Os incunábulos, deduziu Geralt, deviam ter sido colecionados por várias gerações de Codringhers e Fenns. O bruxo sentiu-se honrado pela demonstração de confiança e alegre com a oportunidade de por fim conhecer Fenn. No entanto, não tinha dúvida alguma de que a personagem, embora totalmente real, fosse em parte também um mito. O mítico Fenn, o infalível *alter ego* de Codringher, fora visto mais de uma vez ao ar livre, enquanto o erudito legista preso à poltrona decerto jamais saía do edifício.

O centro do aposento estava muito bem iluminado. Ali havia um atril

suficientemente baixo para ser alcançado a partir da poltrona com rodas, o qual sustentava pilhas de livros, rolos de pergaminhos e palimpsestos, folhas de papel, potes de tinta e nanquim, molhos de penas e milhares de outros utensílios misteriosos. Porém, nem todos eram assim tão misteriosos. Geralt reconheceu moldes para falsificar selos e uma grosa de diamante para apagar palavras de documentos oficiais. No meio do atril jazia uma pequena arbalista, e junto dela emergiam de sacos de veludo enormes lentes de aumento feitas de polido cristal montanhês. Tais lentes eram raridades e custavam verdadeiras fortunas.

— E então, Fenn, descobriu algo novo?

— Muito pouco. — O alejado sorriu. O seu sorriso era agradável e muito sedutor. — Reduzi a lista dos possíveis padrões de Rience a vinte e oito feiticeiros...

— Vamos deixar essa parte para mais tarde — interrompeu-o Codrigher rapidamente. — De momento, estamos interessados em algo diferente. Esclarece ao Geralt o motivo pelo qual a princesa de Cintra desaparecida é objeto de uma vasta e secreta busca pelos agentes dos Quatro Reinos.

— Nas veias da menina corre o sangue da rainha Calanthe — explicou Fenn, parecendo espantado por ter de esclarecer algo tão óbvio. — Ela é a última na linha sucessória. Cintra tem grande importância política e estratégica. Uma pretendente ao trono fora da esfera de influências é um estorvo que pode tornar-se uma ameaça se cair sob domínio inadequado, como o de Nilfgaard.

— Se bem me lembro — disse Geralt —, as leis de Cintra excluem as mulheres da linha sucessória.

— É verdade — confirmou Fenn, voltando a sorrir. — No entanto, uma mulher pode sempre tornar-se esposa de alguém e mãe de um descendente do sexo masculino. Os serviços secretos dos Quatro Reinos tomaram conhecimento das buscas pela princesa promovidas por Rience e convenceram-se de que era precisamente disso que se tratava. Assim, resolveram impossibilitar a princesa de se tornar esposa e mãe. De maneira simples e eficiente.

— Mas a princesa está morta — apressou-se a dizer Codrigher, reparando nas mudanças no rosto de Geralt provocadas pelas palavras do sorridente anão. — Os agentes souberam disso e interromperam as buscas.

— Interromperam por ora. — O bruxo esforçava-se por manter a calma e uma voz fria. — Uma mentira tem a desvantagem de ser revelada. Além disso, os agentes dos reis são apenas alguns dos peões desse jogo. Vocês mesmos acabaram de dizer que os agentes procuravam a Ciri para atrapalhar os

planos de outros que queriam encontrá-la. Os outros em questão podem ser menos suscetíveis à desinformação. Eu contratei-vos para encontrarem uma forma de garantir a segurança daquela menina. O que propõem?

— Temos um plano... — Fenn lançou um olhar indagador ao sócio, mas não encontrou no rosto dele algo que indicasse que devia ficar calado. — Pretendemos disseminar discreta mas amplamente a informação de que tanto a princesa Cirilla como os seus eventuais descendentes do sexo masculino não têm qualquer direito ao trono de Cintra.

— Em Cintra, a roca não herda o trono — esclareceu Codrigher, lutando com um novo ataque de tosse. — Somente a espada o herda.

— Precisamente — confirmou o erudito legista. — O próprio Geralt frisou isso há uns minutos. É uma lei antiquíssima, que nem a diabólica Calanthe conseguiu transgredir, embora se tivesse esforçado por isso.

— Ela tentou derrubar aquela lei por via da intriga — disse Codrigher com convicção, limpando os lábios com o lenço. — Uma intriga ilegal. Explica-lhe, Fenn.

— Calanthe era a filha única do rei Dagorad e da rainha Adália. Após a morte dos pais, ela indispôs-se com a aristocracia, que a via como mera esposa de um novo rei. Queria reinar de forma independente; foi apenas uma formalidade e para manter a dinastia que concordou com a instituição de um príncipe consorte, que se sentava ao seu lado, mas que valia menos do que um boneco de palha. As famílias mais antigas opuseram-se e Calanthe teve de escolher entre provocar uma guerra civil, abdicar em prol de uma nova dinastia e casar-se com Roegner, rei de Ebbing. Escolheu a terceira alternativa. Reinava o país, porém ao lado de Roegner. Obviamente, não permitiu ser domada nem enviada para a cozinha. Era a Leoa de Cintra. Mas quem reinava de facto era Roegner, embora ninguém lhe chamasse Leão.

— E Calanthe — acrescentou Codrigher — queria a todo o custo engravidar e dar à luz um filho, mas fracassou. Teve uma filha, Pavetta, abortou duas vezes e tornou-se evidente que não teria mais filhos. Todos os seus planos caíram por terra. Como o destino pode ser cruel com as mulheres! Grandes ambições destruídas por um útero arruinado.

Geralt fez uma careta de desgosto.

— Como é cruel, Codrigher!

— Eu sei. A verdade também foi cruel, porque Roegner começou a olhar em volta à procura de uma jovem princesa com ancas suficientemente largas e, se possível, de uma família com comprovado histórico de fertilidade nas últimas três gerações. Quanto a Calanthe, começou a sentir o chão a fugir-lhe

de debaixo dos pés. Cada refeição, cada cálice de vinho poderia conter a morte, cada caçada poderia terminar num acidente fatal. Há muitos indícios de que a Leoa de Cintra resolveu tomar a iniciativa. O rei Roegner morreu. Naquela época havia uma epidemia de varíola no país, de modo que a morte do rei não despertou suspeitas.

— Começo a adivinhar — disse o bruxo, aparentemente impassível — quais serão as bases para as notícias que vocês pretendem disseminar discreta mas amplamente: a Ciri tornar-se-á neta de uma envenenadora e maritícida.

— Não se antecipe aos factos, Geralt. Fenn, por favor, continua.

— Calanthe — o anão sorriu — salvou a própria vida, mas a coroa foi ficando cada vez mais distante. Quando, após a morte de Roegner, a Leoa quis o poder absoluto, os aristocratas voltaram a rebelar-se contra a quebra das leis e tradições. O trono de Cintra tinha de ser ocupado por um rei, não por uma rainha. Deixaram as coisas bastante claras: assim que a pequena Pavetta começasse a mostrar os mais ténues sinais de se ter tornado mulher, deveria casar com alguém que se tornaria o rei. Um novo casamento da estéril rainha estava fora de cogitação. A Leoa de Cintra compreendeu que o máximo com que poderia contar seria com o papel de rainha-mãe. Para piorar ainda mais a situação, o marido de Pavetta poderia revelar-se uma pessoa que quisesse afastar a sogra de qualquer forma de poder.

— Vou ser cruel mais uma vez — advertiu Codrigher. — Calanthe fez de tudo para adiar o casamento de Pavetta. Destruiu o primeiro projeto matrimonial, quando a menina tinha dez anos, e o segundo, quando tinha treze. A aristocracia percebeu as intenções da rainha e exigiu que o décimo quinto aniversário de Pavetta fosse o último que passaria solteira. Calanthe teve de aceitar o ultimato. Antes, porém, conseguiu aquilo com que contava. Pavetta permaneceu virgem por demasiado tempo. Começou a sentir tal desejo que se entregou ao primeiro vagabundo que apareceu, a alguém que, ainda por cima, fora amaldiçoado e transformado num monstro. Houve naquilo circunstâncias sobrenaturais, algumas profecias, encantos, promessas... Certa Lei da Surpresa... Não é verdade, Geralt? O que se passou depois, deve recordar-se bem. Calanthe convocou a Cintra um bruxo, e o tal bruxo fez um estrago e tanto. Sem saber que estava a ser manipulado, retirou a maldição ao monstruoso Ouriço, possibilitando o seu casamento com Pavetta. Com isso, o bruxo facilitou que Calanthe mantivesse o trono. O casamento de Pavetta com um monstro desenfitejado foi um choque tão tremendo para os aristocratas que aceitaram o repentino casamento da Leoa com o Eist Tuirseach. O duque das ilhas de Skellige pareceu-lhes uma opção melhor do que um

Ouriço vagabundo. Deste modo, Calanthe continuou a reinar sobre o país. Eist, como todos os ilhéus, nutria demasiado respeito pela Leoa de Cintra para se opor ao que quer que fosse. Além disso, a atividade de reinar entediava-o, e assim entregou todo o poder a Calanthe, que, abarrotando-se de medicamentos e elixires, arrastava o marido dia e noite para a cama. Queria reinar até ao fim dos seus dias. E, se tivesse de reinar como rainha-mãe, que o fizesse na qualidade de mãe do próprio filho. Mas, como eu já disse, grandes ambições e um útero arruinado...

— Sim, já disse. Não é preciso repetir.

— Por outro lado, a princesa Pavetta, esposa do esquisito Ouriço, já na cerimónia do casamento usava um vestido suspeitosamente largo. A resignada Calanthe mudou de planos. Uma vez que não poderia ser rainha-mãe do próprio filho, que fosse pelo menos rainha-avó do filho de Pavetta. Mas Pavetta deu à luz uma menina. Que aborrecimento! Seria uma maldição? No entanto, a princesa poderia ter mais filhos, ou melhor, teria podido, porque ocorreu um acidente suspeito. Ela e o esquisito Ouriço morreram num obscuro naufrágio.

— Será que não está a fazer demasiadas suposições, Codrigher?

— Estou apenas a esforçar-me por esclarecer a situação; nada mais do que isso. Após a morte de Pavetta, Calanthe ficou desesperada, mas por pouco tempo. A sua última esperança era a neta, Cirilla, filha de Pavetta. Mais conhecida por Ciri, a miúda passava a vida a correr pelo castelo como um verdadeiro diabinho. Para alguns, principalmente os mais velhos, era a menina dos olhos deles, porque lhes lembrava muito Calanthe quando criança. Já para outros... uma mutante, filha do monstruoso Ouriço e sobre quem certo bruxo alegava ter direitos. E, agora, chegamos ao âmago da questão: a pupila de Calanthe, que claramente estava a ser preparada para lhe suceder e era tratada como reencarnação de Calanthe, a Leoazinha com o sangue da Leoa nas veias, já naquela época era considerada excluída da linha de sucessão por uma parte da aristocracia. Cirilla era malnascida. O casamento de Pavetta fora morganático. Pavetta misturara o seu sangue com sangue inferior de um vagabundo de procedência desconhecida.

— Genial, Codrigher; só que não foi assim. O pai de Ciri não era um vagabundo, mas um príncipe.

— Não me diga! Não fazia ideia. De qual reino?

— De um reino do Sul... De Maecht... Sim, exatamente, de Maecht.

— Interessante — murmurou Codrigher. — Há tempos que Maecht está em poder de Nilfgaard; faz parte da província de Metinna.